

Teatro

7, 8, 9 Julho 2011

overdrama

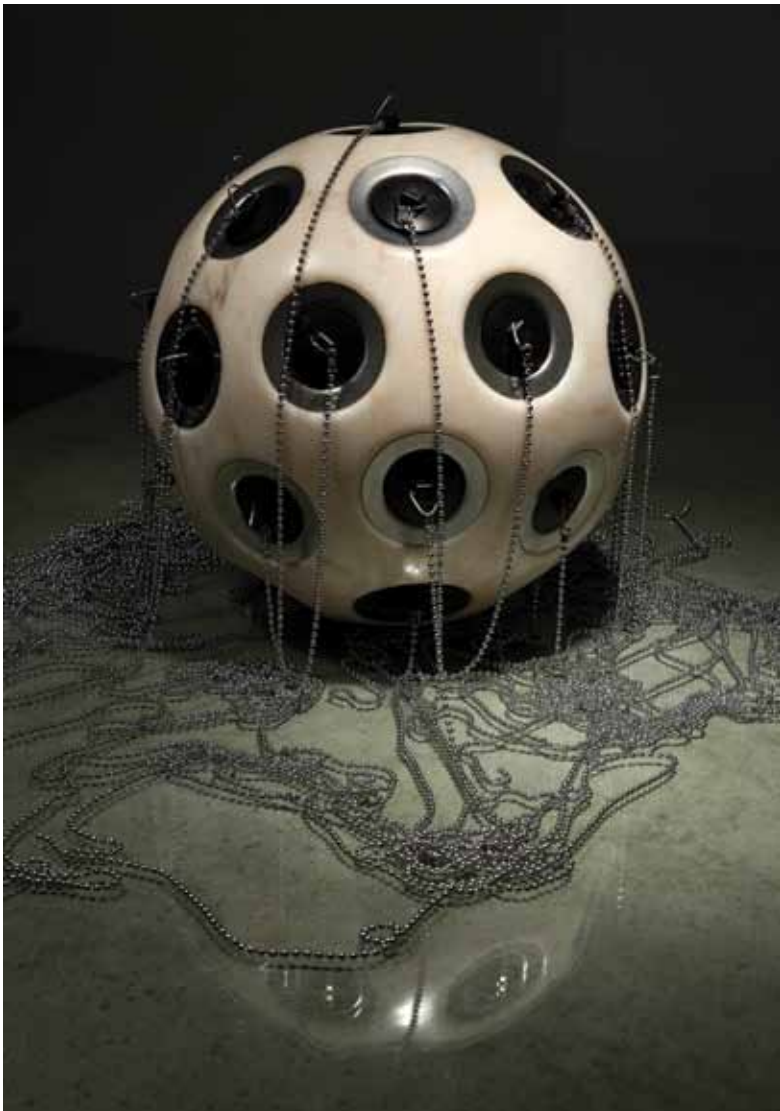
de Chris Thorpe

Um espectáculo da mala voadora

Integrado no Festival de Almada

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



© Carlos Mendes Pereira e Isaque Pinheiro

Qui 7, Sex 8, Sáb 9 de Julho
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração prevista: 1h45 · M12

Direção Jorge Andrade **Texto** Chris Thorpe **Tradução** Francisco Frazão
Com Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas, Flávia Gusmão, Jorge Andrade, Márcia Breia, Marco Paiva, Miguel Damião, Miguel Fragata, Pedro Gil, Sílvia Filipe, Tânia Alves e Wagner Borges, entre outros **Cenografia** José Capela, com fotografias de Bruno Simão
Figurinos Rita Lopes Alves **Luz** Daniel Worm **Assistente de iluminação** Eduardo Abdála
Produção Manuel Poças **Co-produção** mala voadora e Culturgest **Apoio** Cine-Teatro do Montijo, Fundação Calouste Gulbenkian, NG5 **Agradecimentos** Chão de Oliva, Isaque Pinheiro, Leonor Sá, Miguel Pina Martins, Rute Carlos, Telmo Alcobia
A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura /
Direção-Geral das Artes, e é estrutura associada da Associação Zé dos Bois.

1. “Todos os grandes acontecimentos da História do mundo ocorrem duas vezes, a primeira como tragédia, a segunda como farsa.” Marx utiliza termos do teatro para retirar o tapete aos folclores revolucionários, oferecendo ao mesmo tempo um perigoso argumento aos cínicos.
2. O modelo de construção poética chamado “teatro” evoluiu na relação entre o que se comunica e a retórica da comunicação. Tal como os discursos políticos. A diferença é que o teatro pode optar por não dizer nada (uma opção política), ou por ser político através da retórica – duas possibilidades que não se colocam nos discursos, porque eles têm de parecer sempre que dizem qualquer coisa.
3. *overdrama* é um espectáculo de teatro feito com uma peça de teatro (não é o que costumamos fazer). Pedimos ao Chris Thorpe para escrever uma peça sobre a revolução com os recursos narrativos do drama burguês: problemas no “seio da família”, adultério e outros desamores, ricos e pobres, o intrincado quiproquó, coincidências felizes e coincidências infelizes, destinos ameaçados, vítimas, esperas, expectativa. E redenção. E *pathos*.
4. “Moral da história” e “moral da História”.

overdrama

Este espectáculo é provavelmente a coisa mais parecida com uma peça que escrevo desde há algum tempo. As minhas conversas iniciais com o Jorge foram sobre torcer as convenções das peças “bem feitas” até ao ponto de tornar essas convenções ridículas ou irreconhecíveis através da repetição e do exagero.

Com o processo de escrita, o texto tornou-se uma coisa diferente. Fiquei interessado em criar uma peça que parecesse relativamente “normal” – uma série de diálogos entre um grupo de pessoas todas a atravessar mais ou menos o mesmo período e os mesmos acontecimentos na mesma cidade – mas que dispensasse alguns dos seus mecanismos de formas inesperadas. Os meandros da intriga, por exemplo, ou o subtexto a ferver por baixo das conversas, podem de vez em quando surgir de forma óbvia e nua, sem nenhum dos artificios que seriam normalmente usados por um escritor para pedir ao público que suspenda a consciência do teatro à sua volta ou dos actores por baixo das personagens em palco.

Enquanto escrevia o texto pensava sobre a natureza cíclica dos movimentos de protesto. Pensava em particular em como é possível enganarmo-nos a nós próprios achando que cada ciclo de protesto não se parece com nada do que aconteceu antes – que desta vez os seres humanos envolvidos vão finalmente conseguir re-imaginar radicalmente a sociedade em que participam. A ânsia de protestar, particularmente em sociedades mais “democráticas”, torna-se parte da estrutura social em

vez de atacá-la – um meio de controlar o fluxo de energia através de sistemas altamente globalizados que assegura a satisfação de uma necessidade social ao mesmo tempo que protege a integridade do próprio sistema. Esta ânsia é talvez mais fácil de canalizar em sociedades que já não têm a capacidade de se reconfigurar através de revoluções – sociedades que desenvolveram a flexibilidade de absorver a energia do protesto, normalmente dando a um número suficiente de pessoas a quantidade suficiente daquilo que elas querem de modo a que a imaginação de uma alternativa seja esmagada pela inércia do consenso.

Tive a sorte em vários momentos durante o processo de ver o elenco a trabalhar e de fazer parte do seu mundo à medida que desenvolviam um ponto de vista partilhado sobre o texto que escrevi. Deixaram generosamente que alterasse e desenvolvesse partes do texto durante os ensaios, produzindo um espectáculo que dava sempre a sensação de estar vivo e aberto à mudança, e às ideias e interpretações de todos os implicados. Estou verdadeiramente grato por ter sido convidado a trabalhar com este excelente conjunto de pessoas.

Chris Thorpe



© Bruno Simão

Anabela Almeida

É licenciada em Teatro-Educação pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Em 1993 iniciou a sua participação como actriz no Teatro da Garagem e a partir de 2005 participa regularmente nos espectáculos da mala voadora. Desenvolve projectos vocacionados para o público infantil – criação de oficinas e docência de aulas de teatro.

Bruno Simão

É licenciado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, embora trabalhe apenas pontualmente como actor. Tem o curso profissional de fotografia do Instituto Português de Fotografia de Lisboa. Colabora como fotojornalista com a revista *Visão* e o *Jornal de Negócios*. Em teatro, colabora como fotógrafo de cena com a Casa Conveniente, a Comuna – Teatro de Pesquisa e com outros criadores.

Cláudia Gaiolas

Trabalhou com diversas companhias e criadores, dos quais destaca: Teatro Praga, do qual foi co-fundadora e onde desenvolveu um trabalho regular como criadora, Teatro da Garagem, Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito), André Murraças, Joaquim Horta, António Mercado, Madalena Victorino, Jean-Pierre Larroche, Jorge Andrade (mala voadora), Agnès Limbos, Truta, Má-Criação, Associação Alkantara e teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser. Trabalha como formadora e criadora em várias estruturas.

Chris Thorpe

Escritor e *performer* de Manchester, Inglaterra. É membro fundador do

Unlimited Theatre. Escreveu para o National Theatre e para a BBC, bem como para a West Yorkshire Playhouse. As suas peças já foram apresentadas em diversos países, nomeadamente Portugal, Japão, Estados Unidos da América e Alemanha. Nos últimos anos tem escrito e interpretado regularmente com os Third Angel, tendo feito parte dos espectáculos *Presumption*, que foi apresentado na Culturgest em 2008, e *What I Heard About The World*, uma co-criação entre os Third Angel e a mala voadora.

Daniel Worm

Iniciou a sua carreira profissional em 1984, trabalhando em instituições como o Ballet Gulbenkian, o ACARTE, o Teatro Nacional S. João e o Teatro Camões-Expo98. Desde 1987 que colabora com encenadores, coreógrafos e compositores como Constança Capdeville, João Natividade, Clara Andermatt, Margarida Bettencourt, Aldara Bizarro, Rui Lopes Graça, Ricardo País, Luís Miguel Cintra, Giorgio Barberio Corsetti, Christine Laurent, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Francisco Camacho, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Tim Carroll, Inês de Medeiros, John Romão, entre outros. É colaborador regular do Teatro da Cornucópia, Teatro Praga e Truta.

Flávia Gusmão

Estreou-se com *Audição mecânica para 13 actrizes*, encenação de Graça Corrêa (1996). Integrou, entre 1996 e 2003, o elenco do Teatro Experimental de Cascais. Entre 2003 e 2005 pertenceu ao Teatro da Garagem. Desde então tem trabalhado sobre a direcção de encenadores como Ana Luísa Guimarães,

Diogo Infante, Cristina Carvalho, Jorge Andrade, Tiago Rodrigues, Gonçalo Waddington e Marcos Barbosa, entre outros. Assinou, em co-criação, *Receita para me Ouvires*, a partir das crónicas de António Lobo Antunes (2006). Trabalhou em Itália em 2008 (*Le Troiane*) e em 2010 (*Wonderland*). Em 2009 foi uma das bolsistas do programa Inov-Art, estagiando no Rio de Janeiro com Enrique Diaz e a Cia dos Atores. Criou e interpretou o solo *Falt*, inserido no Festival Tell.

Francisco Frazão

Programador de teatro na Culturgest. Fez o curso de Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras de Lisboa. Integrou a comissão de leitura dos Artistas Unidos. Traduziu textos de Beckett, Pinter, Tim Crouch, Howard

Barker, Stephen Greenhorn e Katori Hall, entre outros. Tem publicado artigos e resenhas sobre teatro, cinema e literatura.

Jorge Andrade

Tem o Curso de Formação de Actores e a Licenciatura Bietápica em Teatro (ramo de actores e encenadores), ambos da Escola Superior de Teatro e Cinema. Foi membro do Teatro da Garagem entre 1993 e 2001, onde desempenhou funções de produtor, co-encenador e actor, e onde realizou com Jorge Listopad e Carlos J. Pessoa a dramatização do romance *Hotel Savoy*. Foi actor em vários espectáculos dos Artistas Unidos, integrou o grupo de escrita do texto *O Fim* e foi assistente de encenação de Jorge Silva Melo. Participou em sete espectáculos da Comuna - Teatro de



© Bruno Simão

Pesquisa. Colaborou com o coreógrafo Miguel Pereira. Em 2002 fundou com José Capela a mala voadora, com quem partilha a direcção artística da companhia. Além de actor, dirige os espectáculos da companhia desde 2004.

José Capela

Iniciou-se no teatro no TUP. É co-fundador e co-director artístico da mala voadora, e responsável pela cenografia. Tem colaborado como cenógrafo também com Álvaro Correia e Miguel Loureiro. Arquitecto, é docente na Universidade do Minho desde 2000, escreve regularmente para revistas da especialidade, trabalha pontualmente como projectista em co-autoria com Paulo Monteiro e foi um dos comissários da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010. Prepara

a dissertação de doutoramento *operar conceptualmente na arte, operar conceptualmente na arquitectura*.

Márcia Breia

Estreou-se profissionalmente no Teatro Experimental do Porto. Integrou o Teatro da Cornucópia de 1975 a 2009, tendo feito mais de 60 espectáculos com Luis Miguel Cintra. Trabalhou ainda com João Brites (O Bando), Miguel Abreu, Ensemble, Rogério de Carvalho, Nuno Carinhas e Mundo Perfeito. Integrou o elenco de várias séries e novelas televisivas. No cinema trabalhou com Paulo Rocha, Monique Rutler, Fernando Matos Silva, António Macedo, Fernando Lopes, João Canijo, João Botelho, Teresa Villaverde, Raquel Freire, Alain Tanner, Michel Piccoli, Eugène Green e Franco

Zeffirelli, bem como em curtas-metragens de Rita Nunes, João Maia e João Nicolau.

Marco Paiva

É licenciado em Teatro – Formação de Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Concluiu em 2008 o Curso Europeu de Aperfeiçoamento Teatral École des Mâitres. É actor convidado da Comuna desde 2006. Tem vindo a colaborar com o Teatro Nacional D. Maria II, Teatro O Bando, Teatro da Trindade, mala voadora ou a Culturgest. Assumiu em 2005 a direcção artística do projecto Crinabel, onde encenou textos de Kafka, Brecht, Gogol, Pessoa e Gregory Motton. Em cinema trabalhou com Miguel Martí, Maria Joana Figueiredo, Joaquim Leitão, João Pedro Rodrigues, entre outros.

Miguel Damião

Trabalha como actor profissional desde 2001. Tem participado em novelas como *Olhar da Serpente*, *Mundo Meu* e *Mar de Paixão*, ou séries como *Casos da Vida e Liberdade 21*. No teatro estreou-se, em 2002, com o espectáculo *Mão na Luva*, encenação de António Terra. Trabalhou desde então no Teatro Aberto com João Lourenço, no Teatro Municipal de Almada com Joaquim Benite, com os Artistas Unidos e Jorge Silva Melo, no Teatro da Garagem com Carlos Pessoa, no Teatro de Cascais com Carlos Avillez, com a mala voadora e Jorge Andrade e no Teatro Meridional com Miguel Seabra.

Miguel Fragata

Licenciou-se em Teatro na ESTC e completou o Bacharelato na ESMAE.



© Bruno Simão



© Bruno Simão

Trabalhou com Cristina Carvalhal, Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi, Agnès Desfosses, Pompeo José, José Carretas e Gabriel Villela, entre outros. Em dança trabalhou com Madalena Victorino e em cinema com Pedro Palma e Maria Pinto. Colabora com o Teatro Maria Matos, Museu Paula Rego, Artemrede, EGEAC, CCB e Gulbenkian em projectos educativos. Colaborou com a mala voadora em *Teatro Postal*.

Pedro Gil

Criou as *performances/espectáculos*: *Alvo Branco*, *Execução Pública*, *Homem-Lenda* (co-criação com Diogo Mesquita), *Versus*, *Às Vezes as Luzes Apagam-se* (co-criação Cláudia Varejão) e *Mona Lisa Show*. Co-dirige com Ana Pereira uma estrutura que também produz projectos de outros criadores. Actor de teatro desde 1999, este é o seu quarto projecto com a mala voadora.

Rita Lopes Alves

Trabalhou no guarda-roupa de vários filmes de Jorge Silva Melo, Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa e Cunha Teles. No teatro tem trabalhado com Jorge Silva Melo como cenógrafa e figurinista desde 1994. Realizou o guarda-roupa de *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires para a APA. Tem dirigido os trabalhos de cenografia e figurinos no projecto Artistas Unidos.

Sílvia Filipe

Actriz e cantora formada pela Escola Superior de Teatro e Cinema e pela Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa. Trabalhou com o Teatro da Garagem, Teatro dos Aloés,

Teatro Aberto, Artistas Unidos, mala voadora, André Teodósio, Antónia Terrinha, Diogo Dória, Sara Duarte e Truta, entre outros. Neste momento integra o elenco da novela *Laços de sangue*.

Tânia Alves

Nasceu em 1976, em Lisboa. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – Inglês/Alemão na Faculdade de Letras, em 2002. Em 2007, concluiu a Licenciatura no Curso de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalhou com João Mota, Álvaro Correia, Cláudio Hochman, Mónica Calle e José Wallenstein. Com a mala voadora, sob direcção artística de Jorge Andrade e José Capela, integra os espectáculos *Desempacotando a Minha Biblioteca* (2007) e *Single* (2010).

Wagner Borges

Bacharelato em Formação de Actores, pela ESTC, em 2005. Fez formação profissional em Inglaterra, Grécia, Bósnia e Itália. Em teatro, já trabalhou profissionalmente com vários encenadores, entre eles Francisco Salgado, Álvaro Correia, Jorge Fraga, Nuno Pino Custódio, Vladimir Jevtovic, Nuno Cardoso, Jorge Andrade, José Wallenstein, Luís Castro e Rogério de Carvalho. Em televisão, tem participado em diversos projectos de ficção, bem como em publicidade.

Próximo espectáculo

Mission Drift

Desvio da Missão

Um espectáculo

the TEAM

Estreia · Integrado no Festival de Almada

Teatro Qui 14, Sex 15, Sáb 16 Julho

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h50 · M12 · Em inglês, com legendas em português



Texto the TEAM **em colaboração com** Heather Christian e Sarah Gancher **Música** Heather Christian **Letras** Heather Christian e the TEAM **Encenação** Rachel Chavkin **Cenário** Nick Vaughan **Figurinos** Brenda Abbandandolo **Desenho de luz** Jake Heinrichs **Desenho de som** Matt Hubbs **Produção** Nate Koch **Representante para a digressão** Michael Mushalla **Direcção de cena** Dave Polato **Com** Heather Christian, Brian Hastert, Libby King e Mikael Sulaiman, entre outros

Mission Drift é uma viagem de pioneiros que atravessa os Estados Unidos de Leste a Oeste, contada com a ajuda de explosões atómicas, lagartos bailarinos e música que funde o brilho espampante de Las Vegas com as baladas do Oeste e os *blues* do Sul. Criado pela companhia nova-iorquina the TEAM num Junho abrasador em Las Vegas, este musical que tem em Lisboa a sua estreia absoluta acompanha um casal holandês imortal através do tempo e do espaço americanos, desde a colónia de Nova

Amsterdão em 1624 até à Las Vegas do presente, onde o sonho de uma fronteira eterna e da bonança perpétua se está a desfazer. Sobre tudo isto reina Miss Atomic, uma mítica contadora de histórias inspirada nos concursos de beleza dos anos 50 que celebravam as bombas testadas no deserto do Nevada. Ela é a criação e destruição, a sedução e devas-tação do capitalismo americano.

The TEAM (Theatre of the Emerging American Moment) é uma companhia nova-iorquina que cria colectivamente obras para dissecar e celebrar a experiência de viver na América hoje. Triplos vencedores do prémio Fringe First do Festival de Edimburgo, integraram a lista de espectáculos do ano da *Time Out - Nova Iorque* em 2007 e do *Público* em 2009 (pela apresentação na Culturgest de *Architecting*). Os seus espectáculos foram vistos nalguns dos mais importantes teatros de Nova Iorque e tiveram digressão nacional e internacional.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
coordenador

Paulo Abrantes
chefe de áudio
Ricardo Guerreiro
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
